

Memórias, Sonhos e Labirintos: uma Compreensão Simbólica dos Sonhos de Labirinto

Gabriel Ramos Floriani¹ , Maria do Desterro de Figueiredo² , Armando de Oliveira e Silva³ 

FAE Centro Universitário, Curitiba-PR, Brasil
Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba-PR, Brasil

Resumo: É notável a presença da imagem do labirinto em diferentes contextos e culturas. Este artigo é uma revisão de literatura e apresenta uma reflexão sobre os labirintos e suas diferentes facetas simbólicas, revisitando-os por meio da narrativa do mito do Labirinto de Dédalo. Desta forma, representam o lado mais profundo da psique que se faz presente no mito, nas religiões e nos sonhos. No contexto clínico, as imagens de labirintos são encontradas em diversos depoimentos de pacientes, os quais são desafiados a enfrentar o seu labirinto pessoal. Trata-se da problemática de como os sonhos, inclusive aqueles sobre a temática do labirinto, são entendidos na psicologia complexa de Carl Gustav Jung. E, por fim, tece uma leitura simbólica dos sonhos de labirinto, realizando articulações com o processo de individuação.

Palavras-chave: psicologia analítica, labirinto, Dédalo, sonho, mito

Memories, Dreams and Labyrinths: a Symbolic Understanding of Labyrinth Dreams

Abstract: The presence of the image of the labyrinth in different contexts and cultures is remarkable. This article presents a reflection about labyrinths and their different symbolic facets, revisiting them through the narrative of the myth of Daedalus' Labyrinth. In this way, they represent the deepest side of the psyche that is present in myth, religions, and dreams. In the clinical context, images of labyrinths are found in several patients' reports, who are challenged to face their personal labyrinth. The article deals with the problem of how dreams, including those about the labyrinth theme, are understood in Carl Gustav Jung's complex psychology. And, finally, it weaves a symbolic reading of labyrinth dreams and the individuation process.

Keywords: analytical psychology, labyrinth, Daedalus, dream, myth

¹ Psicólogo graduado pela FAE Centro Universitário. Especialista em Psicologia Analítica pela PUCPR. *E-mail:* gabrielrfloriani@gmail.com

² Doutora em Medicina Interna e Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Paraná. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. *E-mail:* mariadisterro@gmail.com

³ Psicólogo clínico. Professor convidado pela PUCPR, no curso de Pós-Graduação em Psicologia Analítica. *E-mail:* armandoos@uol.com.br

Submetido em: 19/08/2021. Primeira decisão editorial: 18/11/2021. Aceito em: 02/12/2021.

Introdução

Sharman-Burke e Grenne (2007) contam que, em Creta, foi Dédalo quem construiu o famoso labirinto onde uma criatura monstruosa, o Minotauro, ficaria preso. Aos inimigos do rei, a condenação ao labirinto era equivalente à morte: o Minotauro era feroz e o labirinto inescapável. No entanto, Ariadne, filha do rei Minos, ensinou como o ateniense Teseu poderia escapar do labirinto. Quando o rei descobriu a fuga de Teseu, desconfiado de que Dédalo fosse o responsável, aprisionou-o junto a seu filho Ícaro no labirinto. A complexidade da construção era tal que o próprio criador não conseguia escapar sem a engenhosidade e ajuda externa.

Para a psicologia analítica, os labirintos podem ser compreendidos de maneira simbólica, como imagem de um lado profundo da psique, que se faz presente no mito, nas religiões e nos sonhos. Na clínica, são os sonhos que melhor expressam como o inconsciente retrata nossos desejos, anseios e angústias. Neste olhar:

Um observador atento, todavia, descobrirá sem dificuldade que os sonhos não se situam totalmente à margem da continuidade da consciência, porque em quase todos os sonhos se podem encontrar detalhes que provêm de impressões, pensamentos e estados de espírito do dia ou dos dias precedentes (Jung, 2009).

Nesse contexto, imagens de labirintos são encontradas em diversos depoimentos de pacientes, que são desafiados a enfrentar o seu labirinto pessoal. A partir de uma leitura da psicologia analítica, abordagem também conhecida como psicologia complexa, os labirintos podem ser entendidos como ideias e experiências arquetípicas, cuja expressão será encontrada em diversos tempos, culturas e no mito do Labirinto de Dédalo.

O presente artigo é uma revisão de literatura que pretende compreender, através dos pressupostos da teoria junguiana, o mito do Labirinto de Dédalo e suas conexões com o contexto onírico da clínica. O texto organiza-se numa revisão bibliográfica que se compõe em três eixos: o primeiro, intitulado *Memórias*, discorre sobre a presença da imagem

do labirinto em diferentes contextos e culturas e faz a narrativa do mito do Labirinto de Dédalo. O eixo *Sonhos* trata de como os sonhos, inclusive aqueles sobre a temática do labirinto, são entendidos na psicologia de Jung. O terceiro eixo, *Labirintos*, tece considerações sobre uma leitura simbólica do labirinto e o processo de individuação.

Memórias

Os labirintos são um mistério na vida humana e estiveram frequentemente associados a crenças divinas, mitologias e símbolos religiosos. Não é possível explicá-los apenas racionalmente. Como não podem ser esclarecidos, uma vez que não podem ser simplificados a um conceito, tornam-se enigmas a serem examinados. Um mistério que seja desvendado perde o teor enigmático, sendo agregado como algo transparente, nítido e cognoscível. Kerényi (2008, p. 59) interpreta que os “mitologemas, figuras divinas, símbolos religiosos não podem ser resolvidos enquanto problemas, mas apenas reduzidos a ideias, arquétipos, configurações primordiais - ou como se lhes queira chamar”.

Para a psicologia complexa, a presença de labirintos em diferentes culturas e contextos é entendida como a manifestação de uma imagem arquetípica. Conforme pontua Jung (1980, p. 100), “nesta apresentação da psicologia complexa – gostaria de intitular assim os meus ensaios teóricos”. Para Jung (2000, p. 17), “o arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta”.

Os labirintos podem ser compreendidos como algo concreto, pois de fato o são. Na arquitetura, foram usados de diferentes modos, como armadilhas, paisagismo, caminho divino ou ainda como defesa de território. Contemporaneamente, a cidade de Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul – Brasil, possui um labirinto na praça central, usada como paisagismo e desafio para as pessoas conseguirem chegar ao centro. Outros usos podem ser exemplificados no mito grego, como o labirinto de Dédalo, que é representado como uma armadilha, um espaço

onde o rei Minos colocava seus inimigos para serem sacrificados pelo Minotauro. Na Europa medieval, o labirinto era o caminho a ser percorrido em busca da espiritualidade e o centro fazia alusão a Deus. O labirinto denota o verdadeiro caminho de Cristo. Temos também os exemplos da Catedral de Chartres, na França, apresenta um labirinto esculpido no chão, e de acordo com Sauvanon (1991), a data de construção foi do período de 1194-1260. E o palácio do Duque de Mântua, na Itália, que segundo Hocke (1961), no ano de 1601, houve o cerco de Canissa, e o palácio italiano de Mântua expõe um labirinto retangular que ilustra a fuga do duque das prisões turcas. Quanto ao seu uso como meio de defesa, Eliade (1979, p. 30) explica que “é muito provável que as defesas dos lugares habitados e das cidades tenham sido, no começo, defesas mágicas”. Ele ainda ressalta que “eram dispostas a fim de impedir a invasão dos demônios e das almas dos mortos mais do que o ataque dos humanos” (Eliade, 1979, p. 30).

Na antiga Babilônia, os labirintos eram construídos com objetivo espiritual e geralmente descritos em forma de espiral. “Os labirintos, quando surgem como monumentos de uso religioso primevo ou, pelo menos, de uma actividade artística primordial, são reconhecíveis pela sua forma mais ou menos espiralada, muitas vezes, simplesmente em espiral” (Kerényi, 2008, p. 61). Heródoto (1985, p. 194), (484 a 420 a. C.), conhecido como o pai da história, relata que se impressionou com as pirâmides do Egito, em específico o túmulo de Quéops, que no subsolo possui inúmeros caminhos internos.

Diversas civilizações tiveram labirintos em sua cultura, entretanto é o Labirinto do Minotauro o mais conhecido em toda a história. A mitologia grega é rica em narrativas onde os deuses se comunicam com os seres mortais. Alguns de seus diálogos são em busca de favores que agradem ambos. Segundo Sharman-Burke e Grenne (2007), na cidade de Creta não foi diferente. O rei Minos teve um desejo que só poderia se concretizar se fosse por meio divino.

Sharman-Burke e Grenne (2007) apontam que o rei Minos fez um pedido para Poseidon – deus dos mares – para se tornar soberano dos mares. Poseidon contou a Minos que enviaria um touro branco, que deveria ser sacrificado como oferenda.

O rei ficou tão impressionado com tamanha beleza do animal, que sacrificou um outro touro e acreditou que esse ato passaria despercebido.

O deus dos mares ficou furioso por Minos não ter cumprido o tratado, assim o castigou fazendo com que sua esposa Pasífae se apaixonasse e engravidasse do touro branco. Minos, ficou horrorizado visto que sua esposa deu à luz a uma criatura híbrida, metade humano e metade animal, mais conhecida como Minotauro. Desesperado, conversou com Dédalo – considerado muito inteligente, inventor e o maior de todos os arquitetos – e pediu para construir um labirinto no subsolo do palácio de Cnossos para confinar a criatura.

Eis que surge Teseu, um herói de Atenas que se sentiu desafiado a derrotar o monstro conhecido como o touro de Minos. Chegando em Creta, Teseu conheceu Ariadne, filha do rei, que logo se apaixonou por ele. Ariadne contou ao herói como poderia encontrar a saída do labirinto após derrotar o monstro.

Ela ganhou de presente de Dédalo o fio de seda, única maneira de escapar do labirinto. Então, Ariadne é quem vai guiar Teseu por dentro dos corredores sombrios. O fio de seda tem a função de apoio para o herói conseguir explorar o labirinto em segurança. Desse modo, Teseu prometeu que, se saísse vivo do labirinto, iria levar Ariadne para Atenas e se casar com a princesa. O herói matou o Minotauro e saiu ileso do labirinto, porém abandonou Ariadne e voltou para seu país de origem.

A morte do Minotauro trouxe um sentimento de impotência ao rei. Ele ficou furioso, ordenando que os guardas capturassem Dédalo, o construtor do labirinto, e seu filho Ícaro, e os prendessem dentro de sua construção. Dédalo era conhecido como o grande arquiteto do seu período, famoso por esculpir diversas estátuas e ter construído o mais célebre dos labirintos de todos os tempos. Entretanto, nem mesmo ele sabia como poderia escapar deste.

O mito grego narra a construção do labirinto com o objetivo de prender a criatura monstruosa, fruto do desacerto na relação entre homens e deuses. Neste contexto, surge o herói, Teseu, que consegue enfrentar o labirinto e derrotar o Minotauro graças a Ariadne e seu fio de seda. Na Grécia antiga, por

consequente, os labirintos eram associados a um local repugnante, onde uma criatura apavorante e brutal perseguia e matava quem ousasse percorrer seus corredores sombrios.

A imagem arquetípica do labirinto fala do não sentido e do não conhecido, visto que não há saída aparente para o indivíduo que nele ingressar. Simbolicamente, o viajante, portanto, precisa compreender que o objetivo não é apenas encontrar a saída, e sim percorrer o caminho possível e enfrentar o Minotauro interno. O sonho é uma ponte para acessar o labirinto pessoal. O indivíduo que opta por iniciar a trajetória no labirinto estará mergulhando no submundo, fazendo o viajante conhecer seu “eu” mais profundo e trazê-lo à luz da consciência.

Sonhos

A descida ao mundo dos sonhos é um fenômeno natural. É enigmático, complexo e muitas vezes incompreensível. O indivíduo que faz o mergulho se deixa levar por uma força superior que o orienta através do inconsciente. O sonho não é um desfecho, possui uma continuação nítida. O sonho rompe a barreira da censura. Pessoas criativas, por exemplo, artistas, arquitetos, designers e publicitários, costumam ter ideias manifestadas através dos sonhos:

Eles nos mostram em que aspecto estamos enganados e nos alertam a respeito de perigos; predizem eventos futuros; aludem ao sentido mais profundo da nossa vida e nos propiciam insights reveladores. Se analisar os sonhos de artistas ou cientistas criativos, por exemplo, você verá que muitas vezes ideias lhe são reveladas através dos sonhos. Elas não são concebidas no computador. Pelo contrário, brotam do inconsciente sob a forma de ideias súbitas, como se costuma dizer. Vários documentos demonstram que muitos cientistas primeiro sonharam certas soluções matemáticas e depois as resolveram conscientemente. Devemos então, concluir que existe uma matriz psíquica capaz de produzir novos insights criativos (Von Franz, 2008, p. 11).

O sonho pode ser definido, Jung (2009, p. 88) crê, “como uma criação psíquica que, em contraste com os conteúdos habituais da consciência, se situa, ao que parece, pela sua forma e seu significado, à margem da continuidade do desenvolvimento dos conteúdos conscientes”. Ao longo do sono, a atividade psíquica desempenha um movimento espontâneo do inconsciente e se expressa por uma linguagem simbólica. Portanto, na psicologia complexa, os sonhos precisam ser compreendidos de maneira simbólica, não podendo ser interpretados literalmente. Podem ser vistos também como uma espécie de fotografia da realidade psíquica de um indivíduo. Nesta perspectiva, entende-se que os sonhos têm uma função compensatória, isto é, procuram estabelecer um equilíbrio psíquico e são autorreguladores da consciência, assim criando uma dialética entre consciente e inconsciente, que caracteriza a dinâmica da vida psíquica.

O sonho se constitui como causal. Pode ser comprovado, uma vez que existe uma causa e efeito. Quando essas manifestações são percebidas, é possível estudar sua origem e suas consequências na psique. Toda condição pode acarretar em um resultado. É importante expandir a percepção sobre a causa e efeito, percebendo que um fenômeno pode ter muitas explicações. A causa é plural, assim como a natureza. Com isso, o sonho também pode ser encarado como algo transformador e que está em constante mudança. O sonho é um evento natural e age de forma irracional, isto é, no inconsciente. Deste modo, Jung (2011, p. 17) “os fenômenos naturais ocorrem de modo inconsciente, independentemente da consciência, fato este que não excluiu a possibilidade de as formas em desenvolvimento da psique seguirem uma finalidade inconsciente”.

Os processos oníricos são percebidos como uma manifestação psíquica e com uma grande diversidade de significados. O sonho pode representar um reflexo, uma oposição ou uma resposta do inconsciente com o consciente. Essa reação pode ser vivenciada por um sonho, podendo ser compensatória, conforme mencionado anteriormente, ou complementar. O sonho pode ser um embate entre consciente e inconsciente, dessa forma ambos trazem episódios distintos que causam

o conflito entre eles. O sonho faz com que a psique gere uma nova conduta consciente. Consciente e inconsciente vão ser antagônicos e, durante o sonho, o material inconsciente vai em direção à consciência. Sonhos assim podem fazer com que o indivíduo tome uma nova atitude perante o mundo. Jung (2011, p. 18) os caracteriza como “sonhos especialmente significativos”. Existem também os sonhos que são extremamente difíceis de serem entendidos. São sonhos altamente significativos, ou melhor, podem ser chamados de sonhos grandiosos e geralmente fazem referência a espiritualidade e são vistos como sonhos sagrados. Jung (2011, p. 19) acredita que os “sonhos dessa espécie manifestam-se igualmente antes da eclosão de uma doença mental ou de neuroses graves nas quais irrompe subitamente um conteúdo que impressiona o sonhador profundamente, mesmo quando não o compreende”.

Grande parte da vida do ser humano é experimentada através dos sonhos. Jung (2011, p.20) afirma que “passamos um terço de nossa vida no estado inconsciente, quando dormimos ou nos encontramos em um estado crepuscular”. Assim, a psique é exigida em alto nível para se manter consciente. Ao adentrar no estado de vigília é possível identificar inúmeros símbolos existentes no inconsciente. Muitas vezes a criatividade se apresenta inconscientemente, permitindo que o sonhador entre em contato com esses símbolos.

Os símbolos emergem quando o inconsciente é revelado nos sonhos. Para entender o sonho é importante reconhecer o símbolo. O símbolo é uma forma de expressão dos sonhos. O símbolo é a melhor expressão do desconhecido, é a ponta epistemológica que faz a ponte com o inconsciente. Quando o indivíduo recorda um sonho, a consciência não reconhece o significado da experiência vivida. Isso se deve pelo motivo que a consciência não consegue decifrar o mundo simbólico dos sonhos. O inconsciente é o mundo irracional, é o mundo dos sonhos, da fantasia e da imaginação, desse modo o símbolo ganha forma e significado. “Nos sonhos o símbolo vive” (Von Franz, 2008, p. 28). Assim:

Uma palavra ou imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto imediato. Essa palavra ou essa

imagem tem um aspecto (inconsciente), mas amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-la ou explicá-la. Quando a mente explora o símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance de nossa razão (Jung, 2008a, p. 16).

Quando a psique se depara com o símbolo e a imagem onírica, os processos instintivos são ativados, assim o método construtivo é percebido. O método construtivo está relacionado com a imagem onírica, apreciação do símbolo, processos instintivos e a formulação do desconhecido. Jung (1980, p. 76), entende que “o processo de interpretação sintética ou construtivo consiste, portanto, na interpretação ao nível do sujeito”. As imagens simbólicas fazem parte da função dos sonhos. Os sonhos têm a função de ser mensagens ou expressões de uma psique unilateral. O ego é quem irá executar a ação e sempre terá um caráter unilateral. O complexo atuante, ou seja, os conteúdos inconscientes, precisam ser compreendidos através dos sonhos, uma vez que é no inconsciente que ele vai agir reverberando na consciência. Os sonhos podem identificar os complexos de forma simbólica, assim os labirintos podem agir de maneira arquetípica.

Segundo Von Franz (2008, p. 23), a peça de teatro se assemelha com os sonhos, uma vez que dispõe de funções semelhantes. Apresentam-se em três partes: a primeira é a localização do sonho e o palco onde será exibido a trama. É importante observar quando o paciente viveu o sonho, se é na fase adulta, adolescência ou infância; e como ele estava se comportando no momento. Basicamente, é onde há a cena de ação com os protagonistas. A segunda parte é o momento em que o sonho altera inesperadamente a maneira de agir dos personagens, desse modo a história se estende. É essencial perceber o problema, ou o que o sonhador precisa elaborar para chegar até o objetivo. E, por último, a terceira parte é a lysis, conhecida como o resultado final do sonho; é a conclusão do objetivo ou a não conclusão do mesmo.

A função das imagens oníricas está relacionada com o passado, desde o início da criação do mundo. As antigas religiões valorizavam

os sonhos e eram encarados como profecias ou mensagens divinas. Eliade (1992, p. 20) oferece um exemplo disso: “quando, em Haran, Jacó viu em sonhos a escada que tocava os céus e pela qual os anjos subiam e desciam, e ouviu o Senhor, que dizia, no cimo: “Eu sou o Eterno, o Deus de Abraão!””.

Nos livros religiosos são narrados sonhos e profecias contendo os mais diversos significados possíveis enviados pelos deuses: “Se um conceito é tão antigo e tão geralmente aceito, ele também deve ser de algum modo verdadeiro, isto é, psicologicamente verdadeiro” (Jung, 1986, p. 6). Para o mundo contemporâneo, é espantoso que o sonho seja criado por alguma divindade ou que alcance um poder de profetizar o futuro. Von Franz (1992, p. 14) acredita que o sonho “é uma longa descida mitológica até o inconsciente”.

Conforme mencionado anteriormente, o mundo dos sonhos é retratado no inconsciente naturalmente. São de origem primitiva, agem de forma instintiva e imparcial. “O sonho não se esconde; o que acontece é que não conseguimos compreender a sua linguagem” (Jung, p. 7). Ainda, o mesmo autor comenta que “o sonho é a totalidade de si próprio” (Jung, p. 7). Por meio dos sonhos passamos a conhecer nossas imagens, que, por diversas razões, podemos ter preferido não dar muita atenção até então. São inúmeras facetas que levam o indivíduo a uma ampliação do eu e, conseqüentemente, da consciência.

As imagens do sonho, como o labirinto, revelam e escondem um mistério, são símbolos que apontam um novo sentido, mas que não vão ser totalmente conhecidos. Situações específicas da vida psíquica podem ser representadas nos sonhos na forma de ambientes com diversos caminhos e corredores, onde o indivíduo não encontra a saída ou sente muita dificuldade em sair. Von Franz (2008, p. 25) faz uma importante observação quando relata que os chamados sonhos arquetípicos, “têm um significado mitológico e aos quais em geral as pessoas não associam nada”.

Os labirintos, sendo assim, são comuns em sonhos e podem surgir como caminhos desordenados, envolvendo sua própria casa, trabalho, cidades e florestas. O próprio inconsciente

pode ser retratado como um labirinto, algo escuro, confuso, às vezes sórdido, com diversas passagens sem saída e com caminhos que levam ou não a um destino final. Jung faz uma análise pertinente e essencial quando comenta que “o porão é o subsolo da psique do sonhador” (Jung, 2008a, p. 170). O porão pode estar associado com o labirinto, por ser um local desconhecido, sombrio e geralmente agourento.

No sonho, o labirinto não é visto nem previsto, é preciso vivê-lo para enxergá-lo. Jung (2009, p. 186) ressalta que “o sonho como uma criação psíquica que, em contraste com os conteúdos habituais da consciência, situa-se, ao que parece, pela sua forma e seu significado, à margem da continuidade do desenvolvimento dos conteúdos conscientes”. A experiência de caminhar no labirinto só é vivida, portanto, quando é concedida uma devida atenção para os conteúdos do inconsciente.

Provavelmente, o objetivo final do caminhante é chegar ao centro do labirinto. O centro pode ser relacionado com o Self: “[...] não é apenas o ponto central, mas também a circunferência que engloba tanto a consciência como o inconsciente. Ele é o centro dessa totalidade, do mesmo modo que o eu é centro da consciência” (Jung, 1994, p. 51). O labirinto representa o símbolo que agrega, une e reúne todas as passagens. A necessidade psíquica é ir em direção ao centro, desse modo o caminhante terá a oportunidade de fazer a conexão com o Self, atingindo a integridade. O todo do labirinto também pode ser considerado Self, visto que é o símbolo da totalidade. O núcleo da psique – centro do labirinto – e o labirinto por completo fazem parte de um todo psíquico: “Somos o sonho do Self, ou será que o Self será nosso sonho? Simplesmente não sabemos” (Von Franz, 2008, p. 21).

Sonhar com labirintos pode trazer sensações não muito agradáveis. A caminhada remete ao mito do Labirinto de Dédalo, que era descrito pelos gregos como um local sórdido, agourento e perturbador. Numa perspectiva geral dos relatos clínicos descritos na literatura e na própria prática clínica do autor, observa-se que os pacientes experienciam discursos semelhantes ao trazer os sonhos com labirintos, o que nos faz pensar num possível complexo

perturbador em seu processo de individuação. É comum que o paciente que sonhe com labirinto se sinta desorientado e flutuante. É um momento de reconstrução interna e reorganização do ego, diante do labirinto que em breve será enfrentado.

Labirintos

Conforme Franco (2011), a origem do termo labirinto (do latim *labyrinthus* e este do grego *λαβύρινθος*) está na mitologia grega. O mesmo autor relata que, a partir do mito de Dédalo, podemos conceber o labirinto como um espaço mental no qual há constante incerteza, investigação e exploração. O sujeito é desafiado a percorrer diversos corredores sem saída, com inúmeras possibilidades de descobrir armadilhas e até mesmo a saída.

Metaforicamente, no contexto clínico atual, os pacientes podem se ver em uma situação semelhante a Teseu, desafiados a superar a confusão muitas vezes criada por eles mesmos. São inúmeros os labirintos relatados na clínica. São imagens que podem trazer ao sonhador uma sensação de ansiedade, fuga, medo ou perseguição, diante dos corredores sombrios e confusos. Os pacientes comentam que, ao entrar no labirinto, sentem uma sensação de agonia que os dificulta prosseguir adiante.

Sonhos com labirintos expressam movimentos da psique do indivíduo, ou seja, como ele está vivendo atualmente. Os relatos dos pacientes que sonham com labirintos geralmente envolvem locais ou situações que causam desconforto, podendo por exemplo ser o próprio lar e o local de trabalho ou decisões a serem tomadas.

Para uma maior compreensão destas imagens oníricas, buscou-se, por meio da escuta clínica, alguns exemplos advindos das memórias de pacientes atendidos pelo primeiro autor, e que expressam a experiência arquetípica do labirinto. A leitura dos fenômenos psicológicos advindos desses exemplos deu-se pelo viés da psicologia complexa e pelo método da leitura simbólica dos sonhos de labirinto.

Alguns pacientes sonham frequentemente com suas casas e que nelas há muitos corredores que se assemelham a um labirinto. Outros pacientes relatam que sonham com estruturas, prédios,

semelhantes aos locais de trabalho. Geralmente os locais são agourentos, sujos, com paredes e estruturas velhas, com cores negras e acinzentadas, dando a sensação de medo e de estarem em um local parecido com labirintos:

Apesar de os elementos inconscientes não serem diretamente observáveis, podemos classificar seus produtos, que atingem os domínios da consciência, em duas espécies: a primeira contém material reconhecível, de origem definidamente pessoal; são aquisições do indivíduo ou produtos de processos instintivos que completam, inteiram a personalidade. Há ainda os conteúdos esquecidos ou reprimidos, mais os dados criativos (Jung, 2001, p. 1).

Há narrativas também com toaletes, quando o sonhador abre a porta do banheiro e se depara com um labirinto. Banheiros públicos, geralmente são locais sujos e com odor desprezível, portanto possui um aspecto sórdido e sombrio, semelhante como os labirintos são apresentados. Os labirintos se manifestam como se fossem a parte mais profunda e sombria da psique. O interior da psique e os corredores do banheiro podem representar um lado pouco desenvolvido ou ainda não conhecido da sua personalidade. De acordo com Jung (2011, p. 19), “durante o tratamento psicoterapêutico, determinados conteúdos já podem aparecer semanas, meses ou anos antes. São conteúdos que ainda não possuem qualquer ligação com a consciência; são produções diretas do inconsciente”. Ainda Jung (2001, p. 2) “expressa o mecanismo da introversão da mente, do inconsciente em direção às camadas mais profundas da psique inconsciente. Desse nível derivam conteúdos de caráter mitológico ou impessoal, em outras palavras, os arquétipos e denominei-os de inconsciente coletivo ou impessoal”.

Para encontrar o caminho, os sonhadores irão precisar alcançar a coragem que Teseu encontrou ao perceber que precisava adentrar ao labirinto para enfrentar o Minotauro – lado animal, primitivo e instintivo. Fazendo o paralelo com a clínica, os pacientes que sonham com labirintos podem estar em uma fase conturbada, de indecisão ou insegurança. O sentimento pode ser de desolação

e, no momento, o indivíduo pode estar apresentando dificuldades para escolher qual caminho seguir adiante no labirinto que representam diferentes situações da vida.

Teseu não atingiu seu propósito sozinho. Ele contou com a ajuda do lado feminino da alma – *Anima* – para enfrentar o labirinto e o Minotauro, ali representado por Ariadne. “Jung chamou a esse lado de “anima”, que em latim quer dizer “alma”. Ela anima a vida e conecta o homem às camadas mais profundas do seu ser” (Von Franz, 1992, p. 57). A relação do herói com o feminino é imprescindível. Ariadne orientou Teseu com seu fio de seda para que o herói conseguisse derrotar o Minotauro e voltar em segurança. A figura mítica de Ariadne, além de ser filha do rei Minos, também comporta o aspecto de deusa que habita o crepúsculo sombrio, ou seja, possui o conhecimento dos caminhos agourentos do submundo. Kerényi (2008, p. 49) aponta que, “de acordo com Homero, a obra de Dédalo era um local de dança para Ariadne em Cnossos”. Ele também afirma que o mundo subterrâneo era concebido como um labirinto em forma de espiral e o retorno de lá era esperado como um favor da rainha do mundo submundo. Ariadne conhecia o labirinto tanto quanto Dédalo. Ela entrava e saía com seu fio de seda em segurança. Desta forma, no setting junguiano, o psicólogo faz um papel similar ao de Ariadne. A Ariadne é a guia que vai circuncambular o mundo interno de Teseu. A relação do mito grego com a psicologia complexa pode ser vista na orientação que o psicólogo fará com o paciente em seu próprio labirinto. O labirinto é entendido como o lado mais obscuro da alma humana, portanto nada mais prudente que ser guiado pela senhora do labirinto.

Teseu saiu ileso do Labirinto de Dédalo ao aceitar ajuda de Ariadne. O feminino está associado ao oposto do masculino. “Gostaria apenas de unir estes opostos extremos através do *esse in anima* [do ser na alma] que é justamente o ponto de vista psicológico” (Jung, 2009, p. 31). Quando ele une os opostos consegue concluir o objetivo – sair vivo do labirinto de Creta. Jung (1998, p. 47) afirma que “Eros (feminino) é entrelaçamento e Logos (masculino), conhecimento diferenciador; a clara

luz. Eros é relacionamento; Logos é discriminação e desapego”. Na clínica, quando o paciente consegue fazer a união dos opostos, tem a possibilidade de libertar-se da confusão criada por ele mesmo. Jung (2009, p. 5) entende que “a função psicológica e “transcendente” resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes”.

Ariadne pode ser considerada a expressão arquétipo da Anima, o lado feminino de Teseu, que permite as relações entre o indivíduo consigo mesmo e com o mundo. É o condutor da consciência feminina em direção ao mundo interno. O aspecto feminino no homem pode ser considerado uma função inferior, por estar presente no inconsciente. A função inferior de Teseu pode ser analisada como bem desenvolvida, uma vez que ele deu voz a sua *Anima*, com isso saindo ileso do labirinto mais intimidador da Grécia antiga. “Têm o papel de guia para o inconsciente, conduzindo a pessoa a uma compreensão mais profunda de seu mundo inconsciente” (Hopcke, 2012, p. 105). O herói obteve o autocontrole, conseguiu revelar o caminho dentro do labirinto, ativando o feminino, dessa maneira enfrentou seus complexos.

Outra maneira de compreender a experiência do labirinto interior é a experiência de um complexo. Os complexos são conteúdos inconscientes que podem ser gerados através de vivências específicas que possuem uma carga emocional própria e estão associados com o inconsciente pessoal, ou seja, experiências individuais. “Os complexos são fragmentos psíquicos cuja divisão se deve a influências traumáticas ou a tendências incompatíveis” (Jung, 2009, p. 31). Os complexos se estruturam a partir de uma vivência emocional que traz um impacto relevante na psique, desta forma podem provocar desequilíbrio emocional no indivíduo. Jung considera que os complexos são “manifestações normais da vida” (Jung, 2009, p. 22). Já no seu núcleo há um teor arquetípico, pois pode remeter a uma imagem primordial: de um herói, a grande mãe, sábio (a), velho (a) ou um mito. O arquétipo é a base do complexo:

Os complexos constituem objetos da experiência interior e não podem ser encontrados em plena luz do dia, na rua ou em praças públicas. É dos complexos que depende o bem-estar ou a infelicidade de

nossa vida pessoal. Por isso é tão importante estar ciente deles. Até porque os complexos não são totalmente de natureza mórbida, mas manifestações vitais próprias da psique, seja esta diferenciada ou primitiva (Jung, 2001, p. 22).

Metaforicamente, o ser humano possui um complexo semelhante ao herói supracitado: precisa, diariamente, superar o labirinto criado por ele mesmo. Jung (2009, p. 22) discorre que os complexos, “com efeito, constituem as verdadeiras unidades vivas da psique inconsciente, cuja existência e constituição só podemos deduzir através deles”.

Nos sonhos, os complexos podem aparecer como uma forma de expressão. O labirinto está associado com a dificuldade do indivíduo de enfrentamento, não aceitação da realidade e também uma incerteza de qual rumo seguir adiante. Nos pacientes que estão tomados pelo complexo é comum a sensação de não liberdade, insegurança, medo, dificuldades em visualizar seus desejos e muitas vezes não tem disposição para colocar em prática seus objetivos pessoais. Experiências desagradáveis com o inconsciente podem promover comportamentos neuróticos. O indivíduo será convidado ou, em alguns casos, será arremessado ao submundo pessoal. A psique será testada a suportar o mergulho e o encontro com a sombra. “Verdade é que não somos nós que temos o complexo, o complexo é que nos tem, que nos possui” (Silveira, 2007, p. 30).

Os complexos são criados de acordo com a vivência que cada indivíduo teve e se apresentam, quando é alcançado o entendimento dos conteúdos simbólicos. Durante o processo de análise, o paciente busca a saída do labirinto criado por ele mesmo. É fundamental relatar os sonhos e experiências do cotidiano, assim é criado um novo significado para esses acontecimentos; denominado de função transcendente.

Os complexos começam a se dissipar quando o conteúdo é deslocado para a consciência, dessa maneira a psique se autorregula. Essa atividade é feita com o intuito de que o paciente consiga seguir seu rumo e colocar seus objetivos em prática. É como se a energia psíquica se cristalizasse e com

o passar do tempo, fosse se reintegrando e se deslocando para seu objetivo. A energia fluida pode se cristalizar novamente, caso a psique apresente uma nova insatisfação e com isso o indivíduo não consiga apresentar uma solução para o problema enfrentado. “O complexo obriga-nos a perder a ilusão de que somos senhores absolutos em nossa própria casa” (Silveira, 2007, p. 30). Logo, o complexo relacionado a experiência do labirinto está caracterizado pela indisposição, confusão, inquietamento, acomodamento e frustração. É importante ressaltar que a psique não manifesta o Complexo de Dédalo, e sim o Complexo de Dédalo que controla e manipula a psique.

Para o paciente enfrentar seus temores é indispensável que o ego esteja fortalecido, assim estará preparado para percorrer o labirinto e também enfrentar o monstro interno que o persegue – Minotauro. O processo terapêutico é um dos caminhos a ser escolhido, desta maneira irá preparar a consciência para os conteúdos sombrios. Com o fortalecimento do ego, a descida ao mundo dos sonhos pode proporcionar o desafio de encarar os complexos, os quais são uma união de energia psíquica e nos quais estão presentes as imagens arquetípicas, originárias do inconsciente.

Os complexos podem ser revelados nos sonhos. É comum que o indivíduo se sinta perseguido durante o percurso no labirinto. As perseguições podem pertencer à natureza mais primitiva do sujeito. Ao perceber a(s) criatura(s), o sonhador tem a possibilidade de confrontar e refletir sobre a causa da perseguição. Quando o indivíduo se depara com o labirinto e a criatura – Minotauro – que está lhe perseguindo, a experiência pode ser apavorante. Entretanto, se o sujeito encontrar forças para encarar o monstro que lhe persegue, pode descobrir que este não irá lhe causar tanto mal como o ego imagina:

O inconsciente pode devorar o ser humano. É por isso que os sonhos não são levados em conta. Estamos apenas descobrindo que o mundo dos sonhos é o que existe de mais benéfico na face da Terra e que observar os próprios sonhos é a coisa mais salutar que se pode fazer. Entretanto, o mundo onírico pode também devorar uma pessoa

que fique sonhando acordada, tecendo fantasias neuróticas ou perseguindo ideias irreais. Basta visitar um manicômio para ver as vítimas do mundo dos sonhos. Um vive o sonho de que é Napoleão. Outro confidencia que, na verdade, é Jesus Cristo, mas que ninguém o compreende. Eles foram engolidos pelo mundo dos sonhos (Von Franz, 1992, p. 14).

O ato de caminhar é seguir rumo ao lado sombrio da alma. O enfrentamento da criatura por parte do indivíduo, pode ser compreendido como um movimento de autoconhecimento. A caminhada do viajante rumo ao centro é um exercício no processo de individuação, onde o excesso ou a deficiência de conhecimento podem prejudicar o explorador. A individuação é um processo de diferenciação que tem por meta o desenvolvimento da personalidade individual (Jung, 2008b, p. 40). Diante do labirinto:

A viagem de ida e volta ao centro do labirinto pode ser vista também como um percurso de autoconhecimento do indivíduo, no qual é possível avaliar suas ações e a si mesmo. É o descobrir-se em meio a uma jornada repleta de bifurcações e caminhos desafiadores (Franco, 2011, p. 5).

A individuação pode ser representada de inúmeras formas, dentre elas, como um labirinto. A psique se expressa através de símbolos para demonstrar o conhecimento referente a natureza interna e externa. Os símbolos podem ser uma forma de narrar um acontecimento. Esse evento pode ocorrer de maneira abstrata – com deuses, mitos e lendas – ou de fato um episódio mais concreto – como um nascimento de um bebê. O símbolo contém um sentido oculto e inconsciente, agregando algo obscuro e incompreensível para grande parte dos indivíduos. O labirinto humano nunca poderá ser totalmente desvendado, dado que o inconsciente provavelmente seja infinito. É possível associar a entrada no labirinto como a ida do homem ao espaço. Ele vaga pelo sistema solar guiado por seus colegas na Terra, sem esse contato provavelmente os astronautas estariam perdidos e sem rumo na vastidão do universo.

O simbolismo do labirinto corresponde a encontrar o caminho, onde apenas o próprio indivíduo poderá saber qual sentido será traçado, na medida da experiência. É ele também que irá descobrir como chegar ao centro do labirinto. A jornada interior é intimidante e é inevitável enfrentar percursos conflitantes ou agourentos. Contudo, quando o mergulho é realizado, o autoconhecimento adquirido é fundamental para exercer uma função mais próspera. O caminhar no labirinto é um movimento de individuação. Para chegar ao centro do labirinto é essencial descobrir a realidade de sua própria natureza.

Os labirintos são enigmas na vida humana e estiveram frequentemente associados a fantasias, contos, mitos e sonhos. A imagem do labirinto traz o complexo do caos, da confusão e da desordem. Para realizar o mergulho no labirinto interior e compreender estes conteúdos psíquicos é fundamental o uso de recursos psíquicos que permitam o caminhar. Os fios de seda de Ariadne são materiais psíquicos que podem estar a serviço do processo de individuação. O dinamismo entre terapeuta/paciente – processo terapêutico – é um dos recursos utilizados para percorrer os caminhos sombrios. Exercendo a análise dos sonhos, a ampliação da consciência é realizada, dessa forma preparando o indivíduo para iniciar o percurso nos caminhos obscuros da psique.

Considerações Finais

Os labirintos estabelecem uma das expressões mais antigas do mistério da vida humana e guardam uma relação inquebrantável com o inconsciente. Não é possível explicá-los, visto que são estruturas ao mesmo tempo lógicas e incongruentes. Podem estar associados a crenças divinas, mitologias, símbolos religiosos, entre outros significados. Como não podem ser esclarecidos, eles precisam ser vividos.

O labirinto é um local onde o sol não brilha e o vento não sopra. É um mergulho no caos onde a alma procura entender um significado para tudo o que está acontecendo. Ao chegar no centro, se encerra um ciclo, assim o viajante retorna ao início

do labirinto. “Terra escuríssima, como a própria escuridão, terra da sombra da morte e sem ordem alguma, e onde a luz é como a escuridão” (Jó, 10:22).

O Viajante (Primeiro autor)

Há muitos anos atrás deixei meu lar
para tomar um novo rumo
rumo em direção ao labirinto
um mergulho no caos
profundo era sombra
região onde o sol não brilha
sensação de medo
medo do desconhecido
meu espírito vagava sem parar
em direção ao centro do labirinto
preso em uma armadilha
sem parar minha alma vagava
a jornada interior é intimidante
profundo era escuridão
local onde o vento não sopra
sensação de equilíbrio
logo percebi
que o labirinto
é um ritual de passagem
do profano para o sagrado
e que caminhar no labirinto
é um movimento de individuação.
Ao chegar no centro
o viajante retornara ao início.
Há muitos anos atrás deixei meu lar
rumo em direção ao labirinto
para nunca mais retornar...”

O viajante estará sujeito a qualquer momento ser chamado para percorrer o seu próprio labirinto. Não basta apenas ouvir a voz interior, também é indispensável estar preparado para descobrir a realidade essencial. A voz interior pode estar associada a um chamado para o indivíduo conhecer o seu “eu” interno e, muitas vezes, também monstruoso. No entanto, a verdade dentro de si é uma realidade essencial. É um caminho árduo e, todavia, fundamental para o processo de

individuação. A tentativa de buscar um sentido é o caminho que levará ao centro do labirinto.

Contribuição

Os pesquisadores declaram não haver conflitos de interesse.

Referências

- Eliade, M. (1979). *Imagens e símbolos*. Arcádia.
- Eliade, M. (1992). *O sagrado e o profano*. Martins Fontes.
- Franco, C. P. (2011). *Como em um labirinto: uma releitura de eventos complexos* [Apresentação de trabalho]. Memorial apresentado ao Departamento de Letras AngloGermânicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Heródoto. (1985). *História: Herôdotos*. (M. G. Curry et al., Trad.). (Vol. 1, p. 194). Universidade de Brasília.
- Hocke, G. R. (1961). *El mundo como laberinto: El manierismo en el arte*. Guadarrama.
- Hopcke, R. H. (2012). *Guia para a Obra Completa de C.G. Jung*. Vozes.
- Jung, C. G. (1972). *Fundamentos de Psicologia Analítica: As Conferências de Tavistock*. Vozes.
- Jung, C. G. (1980). Psicologia do Inconsciente. In C. G. Jung, *Obras completas* (Vol. 7/1). Vozes.
- Jung, C. G. (1984). *A Dinâmica do Inconsciente* (Vol. 8). Vozes.
- Jung, C. G. (1986). Símbolos de Transformação. In C. G. Jung, *Obras completas* (Vol. 5). Vozes.
- Jung, C. G. (1991). *Tipos Psicológicos* (Vol. 6). Vozes.
- Jung, C. G. (1994). *Psicologia e Alquimia* (Vol. 12). Vozes.
- Jung, C. G. (2000). *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo* (Vol 9/1). Vozes.
- Jung, C. G. (2008a). *O homem e seus símbolos*. Nova Fronteira.
- Jung, C. G. (2008b). *Eu e o inconsciente* (7/2). Vozes.

- Jung, C. G. (2009). Natureza da Psique. In C. G. Jung, *Obras completas* (Vol. 8/2). Vozes.
- Jung, C. G. (2011). *Seminários sobre sonhos de crianças*. Vozes.
- Jung, C. G., & Wilhelm, R. (1998). *O Segredo da Flor de Ouro*. Vozes.
- Kerényi, K. (2008). *Estudos do Labirinto*. Assírio & Alvim.
- Sauvanon, J. (1991). *A La Decouverte des vitraux de Chartres*. In J. M. Garnier,
- Sharman-Burke, J. & Greene, L. (2007). *O Tarô Mitológico* (Vol. 8). Madras.
- Silveira, N. (2007) *Jung: vida e obra* (21ª ed.). Paz e Terra.
- Von Franz, M. L. (1992). *O Caminho dos Sonhos*. Cultrix.
- Youversion (2020). *Bible.com*. <https://www.bible.com/pt/bible/277/JOB.10.22.TB>
- Whitmont, E. F. (1998). *A busca do símbolo: conceitos básicos da psicologia analítica*. Cultrix.